



SOCIEDADE EDUCACIONAL VERDE NORTE S/C Ltda
FACULDADE VERDE NORTE - FAVENORTE
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MAL ESTAR DOCENTE E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS
EM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DE MONTE AZUL

Mato Verde-MG
Julho/2018

JUNIA NUANNY SILVA FREITAS

**MAL ESTAR DOCENTE E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS
EM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DE MONTE AZUL.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade Verde Norte - FAVENORTE,
como exigência para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Leonice Vieira de Jesus Paixão

Mato Verde-MG
Julho/2018

JUNIA NUANNY SILVA FREITAS

**MAL ESTAR DOCENTE E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS
EM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DE MONTE AZUL.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao Curso de Pedagogia da Faculdade Verde
Norte - FAVENORTE, como exigência para
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: **Prof^ª.Ms. Leonice Vieira de Jesus Paixão**

Membros:

Prof. Ms. Nebson Escolástico da Paixão

Prof^ª. Esp. Wesley Mesquita

Prof^ª. Esp. Claudia de Freitas Souza
Coordenadora do Curso de Pedagogia

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus de todo o meu coração por essa oportunidade única.

Agradeço a minha família por todo amor e orações elevadas aos céus, pois sem elas não teria chegado até aqui.

Aos nossos mestres que muito colaboraram para o meu crescimento e formação, em especial aos professores Wesley Mesquita e Leonice Vieira de Jesus Paixão que foram parte fundamental de todo esse trabalho.

Nunca estamos só é verdade. É bom saber que temos amigos em quem podemos confiar. Pessoas que nos apoiam e nos acolhem com tanto carinho. A Deus mais uma vez pela oportunidade de conhecer e conviver com minhas colegas que muito me ajudaram.

A todos os meus amigos quero agradecer. Obrigada por estarem ao meu lado nos bons e maus momentos. Obrigada! Nunca esquecerei a força que me deram para seguir em frente!

Apesar da despedida por estarmos formando, agradeço intensamente, lembrar-me-emos das alegrias, sufoco e também dos trabalhos da faculdade dividido. Que Deus ilumine a todos vocês que fizeram parte da minha vida durante três anos e meio, enchendo suas vidas de muito sucesso! Obrigada! Vou sentir saudades!

Resumo

Essa pesquisa apresenta um estudo sobre o mal estar docente e as doenças ocupacionais em professores de uma escola rede municipal de educação de Monte Azul, nas minhas inquietações enquanto acadêmica do curso de Pedagogia, senti falta de um olhar diferenciado aos professores, visto que grandes são as dificuldades pelas quais os mesmos passam no dia a dia de trabalho. A pesquisa teve com geral analisar quais são as doenças mais frequentes que afastam os professores das salas de aulas de uma escola da rede municipal de educação da cidade de Monte Azul, e como específicos: identificar os tipos de afastamentos por doença dos professores e analisar fatores que contribui para o aumento do afastamento dos professores. Se tratando de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, fomos a campo e para coleta dos dados utilizamos como instrumento uma entrevista aplicada a 06 (seis) professores. A pesquisa teve uma fundamentação teórica baseada em autores que discutem essa temática dentre eles destacam-se CANEVER (2013), GOMES (2013), ANDRADE (2013), SANTOS(2015), REIS (2013), dentre outros. Acreditamos que o resultado dessa pesquisa é de grande importância para a educação, pois descreve a realidade do trabalho do professor suas dificuldades, necessidades e expectativas em reconhecimento enquanto educadores já que são deixados a mercê pelas nossas autoridades.

Palavras chaves: Professor, doenças, afastamento, amor.

ABSTRACT

This research presents a study on teacher malaise and occupational diseases in teachers of a municipal school network of education in Monte Azul, in my anxieties as an academic of the course of Pedagogy, I felt a lack of a different look at teachers, since great are the difficulties they spend in their day-to-day work. The research had in general to analyze which are the most frequent illnesses that distract the teachers of the classrooms of a school of the municipal education network of the city of Monte Azul, and how specific: to identify the types of sick leave of the teachers and to analyze factors which contributes to the increase in the distance of teachers. If it was a qualitative descriptive research, we went to the field and to collect the data we used as instrument an interview applied to 06 (six) teachers. The research had a theoretical foundation based on authors who discuss this theme among them stand out CANEVER (2013), GOMES (2013), ANDRADE (2013), SANTOS (2015), REIS (2013), among others. We believe that the result of this research is of great importance for education, because it describes the reality of the teacher's work its difficulties, needs and expectations in recognition as educators since they are left at the mercy of our authorities.

Key words: Teacher, diseases, remoteness, love.

SUMÁRIO

CAPITULO I	08
INTRODUÇÃO	08
CAPITULO II	11
2.1 Ambiente escolar x Doenças ocupacionais	11
2.2 Doenças que afetam o professor	12
2.2.1 Desgaste emocional	13
2.2.2 Estresse	14
2.2.3 Transtornos mentais e a síndrome burnout	16
2.2.4 Os problemas com a voz	17
2.2.5 Problemas de saúde física	19
2.2.6 Depressão	20
2.3 Violência na escola e o reflexo na saúde do professor	21
2.4 A indisciplina na sala de aula	23
2.5 Porque os professores perdem sua motivação	24
CAPÍTULO III	27
3.1 Percurso Metodológico	27
3.2 Universo da pesquisa/População	27
3.2.1 Caracterização do local da pesquisa	27
3.2.2 Sujeitos da pesquisa	28
3.3 Perfil dos sujeitos	28
3.4 Análise dos dados	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
APENDICES	38

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas na política educacional a partir dos anos de 1990 produziram o agravamento das precárias condições da prática docente, sobretudo porque novos papéis e funções passaram a ser assumidos pelos professores, sem que eles tivessem sido formados para tanto. A precarização do trabalho docente, por sua vez, vem provocado a prática de uma jornada de trabalho dobrada ou até triplicada, o que tem contribuindo fortemente para o agravamento da situação e do adoecimento dessa categoria.

De acordo com a UNESCO, o Brasil é o terceiro país membro dessa entidade que paga os piores salários aos trabalhadores da educação (BARRETO, 2004). Diante dessa situação os professores não veem outra saída a não ser se submeter a mais de um cargo, estando os mesmos a uma carga horária de mais de 08 horas diárias, isto tudo para sanar as suas despesas diárias, acabando sem tempo para fazer uma refeição adequada e descansar entre um turno e outro.

Sem dizer que o trabalho dos mesmos não fica restrito à escola, além do desenvolvimento de suas aulas existentes as atribuições inerentes ao seu cargo que são desenvolvidas em casa, como planejamento e correção de atividades.

Na escola em geral, este realiza, ao mesmo tempo, atividade extra e intraclasse, como ensaios no seu pátio, aulas de educação física na quadra, o que resulta num ambiente em que é extremamente alta a intensidade dos ruídos e barulhos, aguçada, ainda mais, pela sua falta de proteção do barulho que vem da rua (MELEIRO, 2002). Tais fatores vêm contribuindo, significativamente, para que os docentes sejam portadores de distúrbios físicos e mentais (MENDES 2015 p.3).

Segundo Barreto (2004), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) reconhece que essas características favorecem o aparecimento de doenças respiratórias e de alterações na voz. A necessidade de o professor manter-se de pé e/ou os deslocamentos contínuos no espaço da sala de aula fazem surgir edema nos membros inferiores e varizes. Embora não seja preocupação central das políticas de educação, diferentes fóruns docentes têm abordado e discutido a questão das doenças que atingem

essa categoria profissional, em geral sintetizada no que se passou a chamar do estresse do professor. São enfermidades que decorrem não somente do exercício da profissão, mas também das condições mais amplas geradoras de estresse como, por exemplo, insegurança, baixa remuneração, violência escolar, constrangimento institucional, meio social de atuação, jornada de trabalho, aposentadoria e temas relacionados mais detalhadamente à política de emprego e de progressão funcional.

Assim, de acordo com Esteve (1999), a expressão mal-estar docente descreve os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor, resultado das condições em que exerce a docência. Desse modo, os docentes passam a manifestar sentimentos negativos intensos como angústia, alienação, ansiedade e desmotivação.

Este trabalho surgiu da necessidade de identificar as enfermidades mais frequentes e que ocasiona o afastamento dos professores de uma escola da rede municipal da cidade de Monte Azul. Visto que decorrente do dia a dia do professor vão se apresentando enfermidades que se não forem tratadas podem se desencadear em doenças incuráveis, partindo desse ponto viu a necessidade de coletar dados para uma averiguação das hipóteses, tendo os como objetivo geral analisar quais são as doenças mais frequentes que afastam os professores das salas de aulas de uma escola da rede municipal de educação da cidade de Monte Azul, e como específicos: identificar os tipos de afastamentos por doença dos professores e analisar fatores que contribui para o aumento do afastamento dos professores.

O professor é exposto a todo tipo de ambiente alguns lugares ate mesmo insalubres que acabam por prejudicar a sua saúde, o professor muita das vezes se ver omisso em falar de uma determinada situação por achar que ele tem que aceitar e pronto, a rede municipal se ajeita da forma que eles entendem que é certo e não se preocupa com a situação dos docentes e ate mesmo dos alunos.

Falta um olhar diferenciado ao dia a dia dos professores voltando sempre na tecla da saúde de nossos mestres de como criar situações que favoreçam e promovam a melhoria da mesma lembrando sempre que para fazer um bom trabalho é essencial esta com saúde. A nossa Constituição Federal em seu Artigo 196 diz que: que saúde é direito de todos e é dever do estado oferece - lá, então cabe aos nossos governantes criarem políticas que cuidem da saúde dos nossos professores garantido assim o bem estar do educador para que este possa oferecer um ensino de qualidade para os nossos alunos.

CAPITULO II

Neste capítulo apresentaremos a fundamentação teórica que embasa a pesquisa, refletindo sobre o ambiente escolar e as principais doenças provocadas pelos fatores provenientes deste espaço.

2.1 Ambiente escolar x Doenças ocupacionais

Nas teorias que tratam sobre as relações do trabalho com o sofrimento humano, a visão de Cristophe Dejours (1987) se projeta com sua psicodinâmica do trabalho, teoria crítica assentada na psicanálise e que enfoca, sobretudo, as formas de avaliar a saúde relacionada com as condições e a organização do trabalho. Nesta teoria, não existe neutralidade na relação entre trabalho e saúde: trabalhar pode ser fonte de saúde ou de doença; pode trazer sofrimento e prazer (MENEZES e MACEDO,2016).

Segundo os autores Ribeiro e Silva, (2014) o trabalho é algo fundamental para a sobrevivência de todo ser humano, pois é o mesmo que tem determinado o futuro digno de homens e mulheres. Segundo a Revista Brasileira de Saúde Ocupacional (1998, p.116), o trabalho possui um duplo caráter: por um lado é fonte de realização, satisfação e prazer, estruturando e conformando o processo de identidade dos sujeitos, por outro, seus elementos podem transformar-se em fatores patogênicos, tornando-o nocivo à saúde.

É de suma relevância que os profissionais que trabalham no ambiente escolar e especificamente os docentes gozem de plena saúde e bem estar, a fim de poderem desenvolver seu trabalho com prazer e satisfação, de maneira que haja melhor ensino e aprendizado. Na escola, o professor é o profissional que possui o papel de maior destaque, pois estabelece um vínculo mais direto com o aluno. Por isso, muitas vezes ele acaba sendo uma referência em muitos aspectos, inclusive nos comportamentos e práticas relacionadas à saúde.

“A docência apresenta uma série de conteúdos cognitivos, efetivos e instrumentais que interferem na qualidade de vida dos professores” (MARTINEZ; VITTA; LOPES, 2009, p.3). Com relação a esses conteúdos, vale citar o exemplo das longas jornadas de trabalho de quem está empregado e a elas está cada vez mais submetido.

De acordo com Dal Rosso (2006, p. 68) a

intensidade do trabalho é, pois, mais que esforço físico, pois envolve todas as capacidades do trabalhador, sejam as capacidades de seu corpo, a acuidade de sua mente, a afetividade despendida, os saberes adquiridos através do tempo ou transmitidos pelo processo de socialização. Além do envolvimento pessoal, o trabalhador faz uso de relações estabelecidas com outros sujeitos trabalhadores sem as quais o trabalho se tornaria inviável.

Diante das exigências cada vez maior o do curto espaço de tempo para repor as energias os docentes vão de pouco a pouco adoecendo cada vez mais cedo. Essa exigência está relacionada ao seu ritmo de trabalho, que inclui diferentes níveis de atividades físicas e psíquicas do indivíduo, e que constituem aspectos na carga de trabalho docente (RIO, 1998).

Segundo o estudo realizado por Martinez, Vitta e Lopes (2009), quanto maior a jornada de trabalho do docente, maiores os prejuízos na qualidade de vida, principalmente os referentes à relação com meio ambiente e aos fatores psicológicos. A partir disto, o que fica explícito é um docente sem tempo para cuidar de si, dos filhos, do lazer, da saúde, das atividades domésticas, dentre outros problemas ligados ao exercício da profissão tais como: insatisfações, queixas, e desistências veladas ou assumidas.

2.2 Doenças que afetam o professor

As transformações sociais, as reformas educacionais e os modelos pedagógicos derivados das condições de trabalho dos professores têm provocado várias mudanças na profissão docente. De acordo com Souza et al. (2003), até os anos de 1960, a maior parte dos trabalhadores do ensino gozavam de uma relativa segurança material, de emprego estável e de um certo prestígio social. Com a expansão das demandas da população nos 1970, a implantação de políticas públicas e a busca por proteção social, isso provocou um crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, dentre eles a educação.

Atualmente, o papel do professor, assumiu um novo contexto, extrapolando a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era habitualmente esperado. Passando a assumir outras funções para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade. O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, conhecer o contexto que seu aluno encontra

inserido, ouvir e auxiliar na solução de problemas, preparar aulas diferenciadas para o atendimento individualizado dos alunos incluídos, isso significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende além da sala de aula, atingindo às famílias e à comunidade. Não deixando de esquecer que a baixa remuneração ‘obriga’ o professor a assumir dupla jornada de trabalho

Mediante a este contexto em que o professor se encontra inserido, vários são os problemas de saúde que acomete esta profissão. A seguir apresentaremos algumas dessas doenças que são apresentadas pela literatura, com o objetivo de aprofundarmos para entender este contexto.

2.2.1 Desgaste emocional

Segundo Canever e Col.(2013) a relação entre professores e alunos e, conseqüentemente o clima emocional encontrado nas salas de aula estão cada vez mais precários, por inúmeros motivos. Esses problemas decorrentes das pressões sofridas pelos docentes oriundas de dentro ou fora da escola, acabam por causar um descontrole emocional.

Santos e Silva (2002, p. 12) destacam que

alguns professores sentem que seu relacionamento com os alunos determina o clima emocional da sala de aula. Esse clima poderá ser positivo, de apoio ao aluno, quando o relacionamento é afetivo, cordial. Neste caso, o aluno sente segurança, não teme a crítica e a censura do professor. Seu nível de ansiedade se mantém baixo e ele pode trabalhar descontraído, criar, render mais intelectualmente.

CANEVER (2013) ainda destaca que um dos obstáculos muito expressivo e criador de conflitos em sala de aula é a realidade socioambiental dos estudantes. Segundo MARCHESI (2008, p.62) apud CANEVER (2013) “[...] a violência da sociedade, a marginalização de determinados coletivos de pessoas, as desigualdades sociais e a falta de recursos familiares e pessoais também contribuem para que as relações dentro da escola sejam potencialmente mais conflituosas.”

Não podemos deixar de destacar a falta de infra estrutura das escolas, as salas superlotadas e a ausência de equipamentos para se dá uma boa aula. Todos estes fatores mencionados contribuem para o desgaste do professor que tem que se desdobrar para conseguir materiais que deveriam ser encontrados nas escolas, quando consegue os

matérias ainda deve driblar com a falta de interesse dos alunos. Tudo isso tem provocado um desgaste emocional muito grande no docente.

2.2.2 Estresse

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o estresse é uma epidemia global, em que o homem contemporâneo vivencia enormes exigências de atualização e é chamado constantemente a lidar com novas informações. O ser humano cada vez mais se vê diante de responsabilidades, obrigações, autocrítica, dificuldades fisiológicas e psicológicas SELYE (1965), além de inúmeras situações às quais precisa adaptar-se, como por exemplo, diante de demandas e pressões externas vindas da família, do meio social, do trabalho/escola e/ou do ambiente.

Estes trabalhadores estão sujeitos a condições de trabalho que podem gerar sofrimento, tensão emocional, insatisfação, irritação, insônia, envelhecimento prematuro, aumento do adoecimento e morte por doenças cardiovasculares e outras doenças crônico-degenerativas como as osteomusculares (ANDRADE e CARDOSO, 2012).

Sendo que, os geradores de estresse no ambiente de trabalho podem ser os fatores de ordem ambientais, tanto quanto as exigências físicas e mentais. As condições ambientais como ruído, temperatura, vibração, iluminação e poluição tem sido apontadas como estressores produzidos no ambiente de trabalho. No que se referem à organização do trabalho, atividades monótonas, repetitivas e fragmentadas, sobrecarga, conflito e ambiguidade de papel, também são ressaltados como possíveis estressores (JOURNAL HEALTH NPEPS, 2016).

Sobre estes fatores LEITE e LÖNH (2012, p. 21) destacam que “ [...] o estresse do professor muita das vezes esta relacionado ao manejo dos conflitos em sala de aula, que pode ser decorrente de falta de instrumentalização do professor, chegando, em situações extremas, a caracterizar um quadro de burnout”.

Ainda de acordo com ANDRADE e LEITE (2012, p. 52) “o estresse é um dos problemas mais comuns que o ser humano enfrenta, caracterizado por um estado de tensão, ocasionando um desequilíbrio intenso no organismo, que pode desencadear diversas doenças graves”.

Sendo que o estresse pode ser desencadeado de problemas diários, inclusive quando se trata de educação e o professor está sob constante pressão, o que o leva

muitas vezes, a apresentar uma série de comprometimentos relacionados ao físico, psicológico e até mesmo ao social que resultam em baixo nível de motivação, sem autoestima e sempre com sensação de insegurança. O profissional deve estar atento aos sintomas e causas, pois com um diagnóstico prévio, pode-se prevenir a doença, possibilitando ao profissional melhores condições de trabalho (LAZARI e CODINHOTO, 2016, p. 18).

Além dos fatores acima elencados, no cotidiano os horários são desrespeitados, horas de sono são perdidas, a alimentação é prejudicada e o tempo para o lazer é ignorado. O resultado é muito cansaço ou ainda o que se pode chamar de estresse. Segundo Lipp (2007, p.15), quando o trabalho é desprovido de significação, não é reconhecido ou é uma fonte de ameaças à integridade física e ou psíquica, acaba por determinar sofrimento ao trabalhador o que pode resultar em estresse. (RIBEIRO E SILVA, 2014).

Isto pode de acordo com Lazarus e Codinho (2016, p.18) que o estresse pode se desenvolver de duas formas o físico e o emocional:

o estresse emocional (interno), tem algumas etiologias, podendo se desenvolver devido à necessidade da pessoa de lidar com fatores físicos e sociais (externos) ao organismo capazes de criar tensões patológicas. Pode também se desenvolver frente a condições internas capazes de atuar como geradoras de estados tensionais significativos. As fontes interna incluem a ansiedade, o pessimismo, os pensamentos disfuncionais, o padrão de comportamentos de pressa, a competição, a falta de assertividade, entre outros, capazes de gerar um estado de tensão com consequências físicas e psicológicas [...] O estresse Físico (externo) está relacionado com sintomas do esgotamento nervoso, incluem palpitações, tonturas, dor sem causa específica e sensação de falta de ar, também pode acontecer: Irritabilidade, Insônia, Memória fraca, Dificuldade de concentração, Baixa resistência às doenças, palpitações cardíacas, ansiedade e suores frios. Estes sintomas podem surgir apenas em momentos de grande estresse e ansiedade ou durar vários dias, já que esgotamento nervoso é um termo popular utilizado para generalizar problemas, psicológico se físicos.

Sem qualidade de vida o exercício da docência pode não servir para à emancipação pessoal e profissional. Pode significar tão só estratégia de sobrevivência, emprego, trabalho precário. Por isso, importa conhecer quais os significados que ele apresenta para aqueles que a exercem; como eles a percebem e quais sentidos lhe atribuem (REIS, 2013).

Muitas vezes os professores são submetidos a situações de estresse pela pressão a que estão sujeitos no seu dia a dia profissional, já que, em suas atividades pedagógicas, apresentam sentimentos de desilusão, desmotivação e dificuldades em lidar com situações novas requeridas no ambiente educacional. Enfrentando muitas

vezes, situações de desrespeito, falta de reconhecimento, defronta-se com prédios mal cuidados, com falta de material didático e com a violência devido a falta de segurança nas escolas (MARTINS, 2007). Devido a isso, professores necessitam buscar, então, sem apoio, formas de desqualificação que se traduzem em aumento não reconhecido e não remunerado da jornada de trabalho (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005). Com isso, o profissional acaba sendo levado a insatisfação, ao desestímulo e perdendo a perspectiva de crescimento em seu ambiente de trabalho (SCANDOLARA e COL.2015).

2.2.3 Transtornos mentais e a síndrome burnout

Segundo LAZARI e CODINHOTO (2016) apud BENEVIDES-PEREIRA (2002) a Síndrome de Burnout de origem da língua inglesa, Burnout significa traduzindo para o português, aquilo que deixou de funcionar por absoluta falta e energia, é uma metáfora para significar aquilo ou aquele que atingiu o seu limite e, por falta de energia, não tem mais condições de desempenho físico ou mental.

De acordo com GUIMARÃES; CARDOSO, (2004, p. 12), a Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional foi descrita pela primeira vez em 1974, pelo médico psicanalista Herbert J. Freud, que, ao observar muitos dos voluntários com os quais trabalhava, constatou que eles apresentavam um processo gradual de desgaste do humor e/ou motivação.

Segundo CARLOTTO; PALAZZO (2006), a Síndrome de Burnout em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, o que por sua vez, leva esses profissionais a um processo de alienação, desumanização e apatia, ocasionando problemas de saúde, absenteísmo e intenção de abandonar a profissão. Ainda que esse assunto tenha sido foco de investigação em vários países, no Brasil, encontramos poucos estudos que abordam esta síndrome em professores principalmente quanto a sua associação com fatores de estresse (MELO, 2015).

De acordo com Aguilera (2016, p. 13)

o burnout tem sido um problema alarmante que atinge o professor, e este transtorno está muito relacionado às condições e relações de trabalho, sendo considerada uma reação diante de situações de trabalho extremamente estressoras. As condições de trabalho de muitos professores exigem demais dele, tanto física como emocionalmente, o que acaba gerando os sintomas do burnout.

Diante disso MELO (2015) retratam que a Síndrome de Burnout (SB) é considerada pela World Health Organization (WHO) um risco para o trabalhador podendo conseqüentemente leva-lo a deterioração física ou mental. Atualmente é considerada uma importante questão de saúde pública, para além da sua óbvia relevância no contexto exclusivo das patologias laborais, devido às suas implicações para a saúde física, mental e social dos indivíduos.

Ainda segundo CARLOTTO *et al.*, CAMPOS *et al.*, (2012, p. 11) o Burnout é um dos agravos ocupacionais de caráter psicossocial mais importantes na sociedade.

BENEVIDES-PEREIRA (2002) afirma que a Síndrome de Burnout vai além do estresse. É uma reação ao estresse ocupacional crônico, que está associado a uma Síndrome composta por comportamento de desilusão, exaustão e isolamento. Esta afeta principalmente os trabalhadores em contato direto com outras pessoas.

O desenvolvimento dessa síndrome ocorre em virtude do processo gradual de desgaste no humor e desmotivação acompanhado de sintomas físicos e psíquicos. O trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho e faz com que as coisas já não tenham mais importância (MELO e col,2015 apud BEZERRA, BERESIN, 2009).

2.2.4 Os problemas com a voz

Os professores compõem uma das mais classes mais afetadas por problemas vocais e várias são as conseqüências provocadas, como a dificuldade de se desenvolver a profissão até problemas relacionados à comunicação, vida social e emocional (COSTA, 2013, p. 09).

Para o professor, a voz pode ser entendida como uma síntese dos elementos comunicativos transmitindo, em conjunto com a linguagem verbal e não verbal, aspectos psicossociais e emocionais, sendo utilizados como recursos didáticos e de interação com os alunos (LIMA, 2015, p. 10).

Um dos principais agravos à saúde do professor é o distúrbio de voz, e as publicações científicas nessa área têm apresentado um perfil consistente e crescente ao longo dos anos, quando comparado ao de outros profissionais da voz (DRAGONE, 2010, p.12).

De acordo com BISSERA (2014), dados de pesquisas nacionais e internacionais apontam, ainda, os problemas de voz como fator relevante de

afastamentos e readaptações de professores em diferentes redes de ensino. Esses dados justificam-se pelo fato de professores constituírem a categoria profissional em maior número, e expostos à demanda vocal excessiva, esforço vocal propiciado pela competição com os ambientes ruidosos das escolas, presença de fatores alérgenos, iluminação ou tamanho da sala inadequados, entre outros.

Sabendo da importância da voz enquanto professor COSTA (2013), destaca que a voz é o instrumento primordial para a atuação dos docentes em sala de aula para que se concretize o processo de ensino-aprendizagem. Qualquer desvio que ocorra nesse instrumento pode afetar a atuação profissional dos professores. Em seu trabalho Ferreira (2012, p. 31) destaca que:

os riscos ocupacionais que trazem prejuízos à voz e à saúde dos docentes podem estar relacionados à organização do trabalho (jornada de trabalho prolongada; acúmulo de atividades ou de funções; demanda vocal excessiva; ausência de pausas durante a jornada; falta de autonomia) e/ou ao ambiente de trabalho (ruído no ambiente escolar, choque térmico; ventilação inadequada do ambiente; exposição a produtos irritativos de vias aéreas superiores e presença de poeira no local de trabalho.

Segundo LIMA (2015) a necessidade de se aumentar a carga horária de trabalho, com o objetivo de melhorar a receita mensal; a tensão física decorrente do uso inadequado da voz associado à grande demanda vocal; a interferência de fatores emocionais e do estresse nos ajustes vocais compõem os fatores sociais que acabam favorecendo o adoecimento desses profissionais. Além disso, aceleram o desgaste do aparato fonador, tornando-o vulnerável ao desenvolvimento de problemas relacionados à voz.

Os riscos ocupacionais que trazem prejuízos à voz e à saúde dos docentes podem estar relacionados à organização do trabalho (jornada de trabalho prolongada; acúmulo de atividades ou de funções; demanda vocal excessiva; ausência de pausas durante a jornada; falta de autonomia) e/ou ao ambiente de trabalho (ruído no ambiente escolar, choque térmico; ventilação inadequada do ambiente; exposição à produtos irritativos de vias aéreas superiores e presença de poeira no local de trabalho). Outros aspectos a serem considerados, além do risco ocupacional, são os biológicos como envelhecimento, alergias, infecções de vias aéreas superiores, refluxo laringo-faríngeo; influências hormonais, medicações, etilismo, tabagismo e falta de hidratação (FERREIRA, 2012, p.28).

2.2.5 Problemas de saúde física

Dentre os vários padecimentos dos docentes, podemos discutir alguns: as lesões por esforços repetitivos (LERs) e os Distúrbios Osteomusculares relacionados ao Trabalho (Dort) estão ligados aos problemas de postura e trabalho excessivo, que podem ser caracterizados por: tendinite, bursite e lombalgias (CANEVER, 2013).

Ainda segundo o mesmo autor (p. 24)

tais esforços repetitivos como a digitação, o escrever na lousa, o apagar seguidamente o quadro, dentre outros realizados pelos docentes podem desencadear os mais diversos e diferentes tipos de doenças osteomusculares. Verifica-se, ainda, que em muitas escolas perduram a falta e a escassez de material e equipamentos, contando ainda a reprografia com mimeógrafo a álcool (de manivela). A jornada longa de serviço em pé traz sobrecarga para a coluna e fadiga à musculatura. Vale lembrar, também, que a correção de provas e tarefas, a movimentação com livros e provas podem ocasionar problemas ortopédicos. De início, os docentes executam suas funções e fazem muito além do que lhes é solicitado. Só com o tempo vão perceber que pequenos atos feitos com e por amor podem causar danos a si próprio.

Os efeitos destes desgastes estão no dia a dia e sempre são silenciosos, se baseiam na presença e na ausência de sinais ou sintomas. Os poucos médicos que examinam e estudam os professores dizem que ensinar é uma ocupação altamente estressante com repercussões na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores (GOMES, 2013, p. 11).

Acredita-se que as causas deste tipo de lesão sejam a exigência da escrita e a posição e forças que devem ser feitas no ato de escrever prolongado, sendo apelidada de câimbra do escritor. Outro fator importante no adoecimento dos docentes é a hipertensão arterial sistêmica que, segundo SILVA e SOUZA (2004, p.330), “[...] representa grave problema de saúde.

MENDES (2013) aborda que os distúrbios osteomusculares, de características multifatoriais, se envolvem diretamente com o ambiente de trabalho e com a forma como este é praticado. O autor considera ainda a imprecisão sobre a etiologia, o diagnóstico através de sintomas e sinais clínicos, os riscos laborais e extra laborais, uma vez que existem diversos conceitos, falta de critérios e dúvidas relacionadas aos mecanismos fisiopatológicos dessas doenças.

Como adicional, os professores ainda têm que desempenhar suas atividades sem materiais e equipamentos adequados e fazem uso de computador frequentemente. Esses fatores, junto aos exercícios repetitivos com as mãos, a posição repetida em que

realizam o trabalho (em pé ou sentado), a manutenção da cabeça ou braços em posições fisicamente incômodas por longos períodos e a elevação dos braços acima dos ombros, como quando escrevem ao quadro, possivelmente colaboram para o aparecimento de sintomas musculoesqueléticos, como fadiga e dor/desconforto (ANDRADE, 2014, p. 15)

2.2.6 Depressão

Considerada o mal do século e a quarta causa mundial de adoecimento, a depressão aparece através de várias faces, atingindo todo tipo de cultura, faixa etária e classe social. De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-5), os critérios para o diagnóstico da depressão baseiam-se na observação clínica dos sintomas que incluem alterações somáticas e cognitivas, tais como: 1. humor deprimido; 2. anedonia (perda de interesse ou satisfação em quase todas as atividades); 3. perda ou ganho de peso ou de apetite; 4. insônia ou hipersônia; 5. Retardo ou agitação psicomotora; 6. fadiga ou perda de energia; 7. sentimentos de desvalia ou culpa; 8. diminuição da concentração e 9. pensamentos recorrentes de morte ou suicídio (SCANDOLORA, 2015, p. 12).

O professor ultrapassou seu papel de ser apenas mediador do processo de conhecimento do aluno, ampliando a atuação do profissional para além da sala de aula, já que, além de ensinar, deve participar do planejamento escolar, estendendo-se à família e à comunidade. Devido a isso, é possível perceber que essa classe trabalhadora é um alvo fácil dessas enfermidades, sendo essencial alertá-los e mantê-los informados a respeito, orientando a busca por ajuda profissional quando necessário (GASPARINI, BARRETO, ASSUNÇÃO, 2005, p. 19).

Ainda sobre os sintomas da depressão Fonseca e Carlotto, (2011); Pereira e Morgado, (2012) apud Batista (2013) destacam que

os sintomas cognitivos evidenciam-se pela ocorrência de pensamentos pessimistas, ideias de incapacidade, perda de memória (dificuldade para localizar os eventos da vida de forma espacial e temporal), diminuição na capacidade de resolver problemas e sentimento de culpa. Os sintomas físicos podem se manifestar através de fadiga, alterações do sono e do apetite e diminuição da atividade física. Quanto aos sintomas motivacionais, o indivíduo com depressão apresenta uma considerável passividade, baixa energia e diminuição da iniciativa para executar funções necessárias e básicas para sobrevivência.

SIQUEIRA (2005) destaca que através de sua manifestação, a depressão compromete o indivíduo nas suas relações pessoais e familiares, causando grande impacto, principalmente, no seu desempenho no trabalho.

A depressão ainda, de acordo com DUARTE (2010), está associada à diminuição da produtividade e do desempenho no trabalho, além de limitar a contribuição que o portador de seus sintomas poderia dar à sociedade, dessa maneira, causando um impacto na vida do indivíduo que a desenvolve.

2.3 Violência na escola e o reflexo na saúde do professor

A violência na escola tem se tornando fator de repercussão na mídia, sendo facilmente identificada pelos profissionais da escola, pelos órgãos que a dirigem e pelas instituições policiais. A violência protagonizada pelos alunos, geralmente, é a mais frequente, por ser mais visível. Entretanto, isso não elimina a violência da escola contra o aluno. O professor tem na escola seu ambiente de trabalho, local onde também envolve questões de condições de trabalho e saúde. O trabalho do professor apresenta uma necessidade de saber lidar com a violência escolar. A categoria docente é uma das mais expostas a ambientes conflituosos e de alta exigência deste trabalho, com problemas com alunos que chegam até as ameaças verbais e físicas (SOUZA, 2012, p. 12).

De acordo com ROCHA (2012, p. 54), convém acrescentar que os eventos violentos estão inseridos na 10ª Revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), especificamente no capítulo XX das Causas Externas (CEs). As CEs, por sua vez, são definidas como todos os acontecimentos resultantes de quedas, envenenamentos, acidentes de trânsito, lesões autoprovocadas intencionalmente, agressões, homicídios e suicídios.

Gomes (2013, p. 30), acrescenta que

e não podemos deixar de falar sobre os estudantes que a cada dia respeitam menos seus professores, e o número de reclamações sobre indisciplina dentro da sala de aula só estão aumentando, isso é fato, também é temível o aumento de casos de violência contra os professores e assim os professores se sentem desamparados e desprotegidos, ficando a mercê da realidade escolar.

Neste contexto, a exposição aos eventos violentos contribui para o desenvolvimento do comportamento antissocial, originando sintomas como depressão,

ansiedade, estresse pós-traumático e agressividade nas pessoas de todas as idades (ROCHA, 2013).

O professor tem na escola seu ambiente de trabalho, local onde também se configura o seu processo saúde e doença, este envolve questões de condições de trabalho e saúde. O trabalho do professor apresenta uma necessidade de saber lidar com a violência escolar. A categoria docente é uma das mais expostas a ambientes conflituosos e de alta exigência de trabalho, com problemas com alunos que chegam desde de ameaças verbais a físicas (SOUZA,2012, p.27).

É nesse clima que professores são ameaçados e agredidos no exercício de sua profissão. Veem a docência em situação de desgaste e desvalorização que perpassam as relações pedagógicas influenciadas por representações sociais, vendo-se, ao mesmo tempo, como reféns de um processo legal que confere direitos desproporcionais na relação aluno-professor (MENDES, 2014, p. 21).

Pode existir no professor a vivência do medo, mas que não aparece na superfície, pois se encontra contido pelos mecanismos de defesa. Se o medo não fosse neutralizado, se pudesse aparecer a qualquer momento durante o trabalho, neste caso, os professores não poderiam continuar suas tarefas por mais tempo. Esse medo quando aparece é camuflado, por exemplo, como sintomas medicalizantes de ansiedade, e constitui-se uma: a) ansiedade relativa à degradação do funcionamento mental e do equilíbrio psicoafetivo; b) ansiedade relativa à degradação do organismo e morte (SOUZA,2012, p. 29).

Embora em nenhum outro momento histórico tenha se amparado tanto a democratização, em nenhum outro período nos deparamos com tantas atitudes e comportamentos de violência nas escolas. A violência, com especial enfoque na escola pública, faz parte do cotidiano. Antes relacionada ao entorno da instituição escolar, enquanto fatores externos a ela; em seguida, trazida para os meandros das relações sociais estabelecidas na escola; agora, a violência está presente também nas relações pedagógicas alunos-professores. Esse fenômeno social vem sendo destacado em depoimentos de docentes, artigos de revistas e periódicos, manchetes de jornais, pesquisas nacionais e de órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (MENDES, 2014, p. 40).

Fala-se muito que os pais têm transferido a obrigação de educar seus filhos aos professores. Por sua vez, são ausentes de obrigação os profissionais da educação em exercer um dever inerente a figura materno-paterna. O senso comum da sociedade hoje

prevalece o entendimento de que os alunos estão ingressando na escola sem limites, a ponto de não respeitar mais a hierarquia existente entre eles e os professores. Ademais, tal hierarquia deve sim ser respeitada, vez que é a primeira hierarquia exercida na vida de uma criança, de muitas que terão no decorrer do tempo (LUCA e STANÇA,2015, p. 06).

Neste sentido a violência na escola vai além dos muros da mesma, envolvendo fatores psíquicos e sociais que se revertem dentro de um espaço tão diverso.

2.4 A indisciplina na sala de aula

De acordo com BOARINI,(2013, p.3), troca de letras, dificuldades e problemas na aprendizagem da leitura, escrita e matemática já não detêm o monopólio das queixas escolares. A desatenção e conversas paralelas dos alunos durante as aulas, o atraso na entrada e a pressa para sair da escola, agressões verbais ou físicas aos colegas e, em alguns casos, a outros envolvidos na escola são queixas muito mais frequentes do que o esperado na instituição escolar.

Estes fatores tem causado na sala de aula a indisciplina que tem se tornado um dos principais obstáculos para a realização do trabalho pedagógico, pelo menos é o que relata a maioria dos professores. Para que se tenha uma ideia da dimensão que esse fenômeno vem tomando no espaço escolar, basta observar as pautas das reuniões de pais, os encontros pedagógicos e as conversas em corredores e salas de professores (PEREIRA e BLUM, 2014, p. 11).

Os relatos dos professores testemunham que a questão da indisciplina é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc.

De acordo com BOARINI (2013, p. 16) desde a última década, as provocações verbais, pela intensidade e forma como se apresentam, passaram a ser entendidas como violência, na medida em que intimidam, amedrontam. Este fenômeno denominado *bullying*, atualmente, em virtude da tecnologia, ganhou outra dimensão, diga-se de passagem, muito preocupante.

Os professores se sentem desprestigiados e ofendidos quando o aluno não obedece a suas ordens. Para eles, o respeito é considerado condição *sine qua non* para a

disciplina, encarada como elemento essencial e garantidor de êxito do processo educacional.

Outra grande preocupação, ligada à anterior, é não conseguir executar o planejamento tal qual foi elaborado. Quando não é possível realizar o que se estabeleceu previamente no plano de aula, surge a sensação de que não houve aprendizagem e, portanto, de dever não cumprido. A consequência é o sentimento de frustração, que muitas vezes imobiliza e desorienta o professor. O relato a seguir deixa claro aquilo que a maioria dos professores pensa sobre a importância da disciplina (PEREIRA e BLUM, 2014, p. 17).

2.5 Porque os professores perdem sua motivação

Os professores estão se queixando de exaustão na execução de sua tarefa como educador, o que acarreta numa desmotivação e até endurecimento de afeto, por estes acharem que seu trabalho não vale a pena. Este aspecto ligado à questão do baixo salário, ao desinteresse dos alunos, à falta de estrutura, e à violência, são os principais causadores da desmotivação dos professores (MAXIMIANO, 2014, p. 13).

Santos, (2015, p. 53) apontam 5 tipos de desvalorização dos professores são eles;

o primeiro tipo de desvalorização profissional e mais comum é o tipo *econômico* ou salarial. Baixos salários impedem o desenvolvimento do profissional e o obriga a duplas jornadas ou empregos, dificulta o acesso às novas tecnologias de educação e para a educação, desqualifica a profissão precarizando o profissional, impingindo assim, a estagnação na carreira. **O segundo** tipo de desvalorização profissional é o social ou; do desprestígio social. Chamo de prestígio social profissional, o apreço, a admiração, o respeito, a consideração que uma sociedade tem pelos profissionais de determinada profissão. Prestígio social liga-se a estima, que é um valor. Portanto, trata-se de uma valorização social da profissão que é importante não só para a autoestima do profissional e de sua profissão, mas também para a manutenção e desenvolvimento da profissão na e para a sociedade. **O terceiro** tipo de desvalorização profissional é o *Psicológico* ou da auto desvalorização. Este tipo ocorre quando o próprio profissional perde o sentido e o significado de sua função profissional, nos aspectos sociais, políticos, econômicos e científicos. o tipo Psicológico é causa e consequência da perda de identidade profissional, e os sintomas são: o adoecimento do profissional, a perda de perspectivas, de satisfação com os afazeres da profissão, desprazer, fadiga, desilusão, falta de orgulho e vontade em exercer a profissão, o que no conjunto, e com o tempo, gera a auto-desqualificação profissional. **O quarto** tipo de desvalorização é o da *Obsolescência*. Este tipo ocorre por força mercadológica temporal. É quando a profissão não é mais solicitada pelo mercado e ou perde sua necessidade devido a própria evolução histórica, científico e tecnológica. No caso do professor, ainda não

há a obsolescência, pois ainda há mercado, há demanda, o que está em baixa é a procura pela profissão. O quinto e último tipo de desvalorização profissional é o da desqualificação ou degenerescência. Aqui me ateno um pouco mais. Pois é o tipo mais perverso ao lado do Econômico, isso porque é o tipo de desvalorização que atinge a essência da profissão. (Des)qualificar é tirar a qualidade, e qualidade é o que determina a natureza, o ser da coisa. Quando se tira o ser da coisa, promove-se a coisificação. Logo; desqualificar é um modo de tirar da profissão aquilo que a faz ser ela mesma. Na Filosofia costuma-se conceituar esta essência de quidade.

Mediante a isso o saber e as conquistas intelectuais são minimizados. Esforço e dedicação não são méritos levados em consideração. O discurso teórico defende que a Educação é imprescindível, mas o que se vê na prática é a deificação do que é fácil e do que dá prazer imediato. E aprender, muitas vezes, é difícil e sofrido. Com o saber desvalorizado, a escola e o papel do professor também ficam desprestigiados. O que vai a contra ponto com o que é ser jovem – um momento de curtir a vida, descobrir um mundo novo, cheio de novidades. O professor passa a ser mestre, assistente social e pai adotivo, já que não existe na sociedade de hoje, uma família ideal, o pai e mãe trabalham fora e nem sempre moram na mesma casa, e os dois fatores levam à diminuição do tempo dedicado às crianças e, com isso, dos momentos de formação doméstica (MAXIMIANO,2014, p. 14).

Ser Professor é um ato político, social, é aceitar o desafio de contribuir para o processo de humanização do Homem, mas para tal ele mesmo, o professor, precisa ser antes, valorizado, primeiro por ele mesmo, pelos Governos e Sociedade. A excelência na qualidade da Educação dos indivíduos e da Sociedade começa pela excelência da Profissão Docente (SANTOS, 2015, p. 13).

Reis (2013) em seu trabalho ressalta que:

assim, trabalhar é estar sujeito a experiências e sentimentos em que se mesclam sofrimento e prazer; realização e frustração. A ambivalência entre prazer e sofrimento faz parte do mundo do trabalho docente. Em determinados momentos, o professor sente-se bem, realizado e feliz com o que faz, embora em outros os sentimentos sejam completamente diferentes. Sente-se mal, insatisfeito e infeliz.

RAUBER; REBOLO, (2011, p.4) ainda destaca que “ao longo da história a profissão docente tem sofrido significativas mudanças que interferem no papel do professor, o que tem deixado algumas lacunas entre o ideal e a realidade do trabalho docente”

Aspectos como esses podem ser analisados na perspectiva dos professores, considerando suas concepções de trabalho docente, seus modos de enxergar a profissão e de ver como ela contribui para seu desenvolvimento profissional e pessoal. Assim,

trabalhar é estar sujeito a experiências e sentimentos em que se mesclam sofrimento e prazer; realização e frustração. A ambivalência entre prazer e sofrimento faz parte do mundo do trabalho docente. Em determinados momentos, o professor sente-se bem, realizado e feliz com o que faz, embora em outros os sentimentos sejam completamente diferentes. Sente-se mal, insatisfeito e infeliz.

RAUBER; REBOLO, (2011, p.4) destaca que “ao longo da história a profissão docente tem sofrido significativas mudanças que interferem no papel do professor, o que tem deixado algumas lacunas entre o ideal e a realidade do trabalho docente”. Aspectos como esses podem ser analisados na perspectiva dos professores, considerando suas concepções de trabalho docente, seus modos de enxergar a profissão e de ver como ela contribui para seu desenvolvimento profissional e pessoal.

O saber e as conquistas intelectuais são minimizados. Esforço e dedicação não são méritos levados em consideração. O discurso teórico defende que a Educação é imprescindível, mas o que se vê na prática é a deificação do que é fácil e do que dá prazer imediato. E aprender, muitas vezes, é difícil e sofrido. Com o saber desvalorizado, a escola e o papel do professor também ficam desprestigiados. O que vai de contra ponto com o que é visto diariamente (MAXIMIANO,2014, p. 22).

Como vimos são vários os fatores que contribuem para a perda da motivação profissional do professor o que acarreta reflexos enormes no processo de aprendizagem do aluno e na saúde do professor.

CAPITULO III

Neste capítulo terceiro descreve o caminho que foi percorrido para a realização da pesquisa, e apresenta os resultados do estudo de campo, realizado por meio de entrevista com 06 (seis) professores participantes da investigação.

3.1 Percurso Metodológico

A pesquisa trata-se de uma pesquisa descritiva de análise qualitativa pois investigou as doenças que mais afetam os professores de uma escola da rede municipal de educação de Monte Azul.

“Na pesquisa qualitativa, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY,1995).

3.2 Universo da pesquisa/População

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública municipal da cidade de Monte Azul que esta situada no extremo norte de Minas Gerais a população segundo o IBGE em 2014 era de 22.102 mil habitantes, grande parte da renda da cidade vem das confecções de roupa, por esta no norte de Minas a seca castiga demais impedindo o cultivo da região tornando a uma região sem ofertas de trabalho e muitos veem na educação uma forma de emprego para não deixar a cidade pois predomina muito o êxodo rural e urbano em busca de trabalho e de uma melhor condição de vida.

3.2.1 Caracterização do local da pesquisa

O prédio escolar municipal Dona Baratinha esta localizado a rua governador Magalhães Pinto nº523- A, no bairro São Geraldo em Monte Azul. A escola recebe cerca de 323 alunos distribuídos em dois turnos sendo que na parte da manhã são seis turmas do 2º período da Educação Infantil e na parte da tarde são seis turmas do 1º período da Educação Infantil. São 24 professores dois para cada sala de aula para atender entre 20 a 30 crianças, algumas salas receberam pela primeira vez professores de apoio. Tem ainda um professor de inglês e um de Educação Física que trabalham

nos 2 turnos. É a única escola da rede municipal na cidade de Monte Azul, sendo oferecido somente a Educação Infantil, os professores na maioria são todos com mais de 45 anos de idade e 20 anos de serviço.

3.2.2 Sujeitos da pesquisa

Foram sujeitos da pesquisa 06 (seis) professores da rede municipal que estão em atuação da sala de aula e que desenvolveram e/ou se afastaram de sua função por algum período por serem diagnosticadas por doenças relacionadas ao seu trabalho.

3.3 Perfil dos sujeitos

Apresentaremos a seguir, os dados coletados na pesquisa de campo o perfil dos participantes, seguido da análise dos dados coletados a partir de uma pesquisa de campo ocorrida no mês de Abril do ano de 2018.

Por questões éticas, a identidade dos sujeitos da pesquisa, permanece no anonimato, sendo os mesmos identificados respectivamente como P1, P2, P3, P4, P5 e P6.

Dentre os sujeitos da pesquisa, obtivemos os seguintes dados:

Quadro 01- Perfil dos entrevistados

Sujeito	Idade	Sexo	Tempo de Atuação	Graduação	Pós-Graduação
P1	48 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Magistério	
P2	45 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Normal Superior	
P3	47 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Normal Superior	
P4	58 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Normal Superior	
P5	51 Anos	Feminino	Mais de 20 anos	Licenciatura curta	
P6	46 Anos	Masculino	Mais de 20 anos	Pedagogia	

Fonte: Dados levantados em pesquisa de campo, entrevista realizada em Abril de 2018

Como podemos observar todos os professores possuem mais de 40 anos de idade e mais de 20 anos de serviço, destes 83,33% possuem graduação e somente 16,67% possuem a formação em Nível Médio, magistério do 2º Grau. Este modelo de formação contemplado pela LDB 5692/71, de acordo com Frankfurt (2013, p. 4)

a formação de professores, antes ministrada em escolas normais, passa a constituir uma habilitação profissional entre tantas possíveis, no ensino de 2º Grau. Dessa forma, na Lei 5692/71, a formação docente, que aparentemente estava contemplada no Capítulo V, também figurava no 2º grau, uma vez que a formação nesse nível de ensino permitiria que o aluno se qualificasse para ser professor de 1ª à 4ª séries ou, ainda, fazendo um ano adicional de estudos específicos, ser professor até a 6ª série.

Com a aprovação da LDB 9394/96 tivemos alguns avanços, no entanto apesar das exigências de uma formação em Nível Superior para atuação na educação a legislação ainda abre precedente para admissão de profissionais formados em Nível Médio, em seu Art. 61, lei considera como profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

- I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;
- II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;
- III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim.

Portanto avançamos, mais ainda temos muito a avançar na perspectiva de uma formação profunda, que possa preparar o profissional para uma atuação cada vez melhor.

3.4 Análise dos dados

Os problemas de saúde decorrente da profissão é algo presente dentre os professores, é isso provoca afastamentos no decorrer da carreira, perguntamos aos entrevistados, **se eles já estiveram afastados por alguma doença**, 50% dos entrevistados disseram que nunca se afastaram, 33,33% que já se afastaram e 16,66% que “tem problemas nas articulações mais que nunca se afastou”.

Maximiano (2014, p. 4), destaca que o professor muitas vezes trabalha doente

os professores estão se queixando de exaustão na execução de sua tarefa como educador, o que acarreta numa desmotivação e até endurecimento de afeto, por estes acharem que seu trabalho não vale a pena. Este aspecto ligado à questão do baixo salário, ao desinteresse dos alunos, à falta de estrutura, e à violência, são os principais causadores da desmotivação dos professores.

Procurando saber que tipo de doença, perguntamos, **com qual doença você foi diagnosticada?** Obtivemos as seguintes respostas: 50% disseram que nunca tiveram nenhuma doença, os outros entrevistados especificaram as doenças P1” tendinite, bursite, tendocinovite, visão”, P4 “artrose e problemas na audição” e P5 “dengue”.

Os vários padecimentos realizados pelos docentes, podem ocasionar várias problemas de saúde como: lesões por esforços repetitivos (LERs) e os Distúrbios Osteomusculares relacionados ao Trabalho (Dort) estão ligados aos problemas de postura e trabalho excessivo, que podem ser caracterizados por: tendinite, bursite e lombalgias.

Canever (2013, p. 12) destaca que

tais esforços repetitivos como a digitação, o escrever na lousa, o apagar seguidamente o quadro, dentre outros realizados pelos docentes podem desencadear os mais diversos e diferentes tipos de doenças osteomusculares. Verifica-se, ainda, que em muitas escolas perduram a falta e a escassez de material e equipamentos, contando ainda a reprografia com mimeógrafo a álcool (de manivela). A jornada longa de serviço em pé traz sobrecarga para a coluna e fadiga à musculatura. Vale lembrar, também, que a correção de provas e tarefas, a movimentação com livros e provas podem ocasionar problemas ortopédicos. De início, os docentes executam suas funções e fazem muito além do que lhes é solicitado. Só com o tempo vão perceber que pequenos atos feitos com e por amor podem causar danos a si próprio.

Com o propósito de averiguar a partir de quanto tempo as atividades laborais interferiram na saúde e conseqüentemente na profissão, perguntamos, **a partir de quantos anos lecionando você começou a apresentar esses sintomas?** Impetramos as seguintes respostas: 66,66% disseram que nunca tiveram nenhum problema, 33,33% disseram que já tiveram problemas e justificaram que P1 “a partir dos 18 anos lecionando, dores nas articulações, no braço” e P4 “ com 20 anos comecei com dor no joelho, dificuldade de locomoção, inchaço e zumbido no ouvido”.

Gomes (2013, p. 07) destacam que

os efeitos do desgaste estão no dia a dia e sempre são silenciosos, se baseiam na presença e na ausência de sinais ou sintomas. Os poucos médicos que examinam e estudam os professores dizem que ensinar é uma ocupação altamente estressante com repercussões na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores.

Com o objetivo de identificar as possíveis origens destas doenças perguntamos aos entrevistados, **qual motivo você acredita que te levou ao adoecimento?** Os

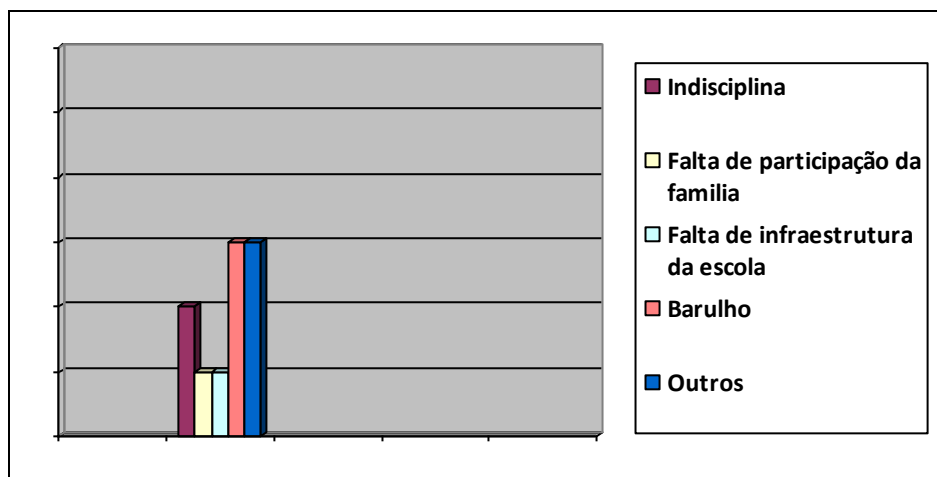
mesmos responderam que: 66,66% disseram que nunca tiveram nenhum problema, 33,33% elencaram alguns motivos P1 disse “não saber” e P4 disse que o “excesso de movimentos repetitivos em sala de aula acompanhado de muito barulho”.

Rio (1998, p. 09) destaca que

as exigências cada vez maior o do curto espaço de tempo para repor as energias os docentes vão de pouco a pouco adoecendo cada vez mais cedo. Essa exigência está relacionada ao seu ritmo de trabalho, que inclui diferentes níveis de atividades físicas e psíquicas do indivíduo, e que constituem aspectos na carga de trabalho docente.

Então perguntamos o que mais os incomodavam durante a realização das suas atividades laborais, os mesmos responderam que:

Gráfico 01: O que mais te incomoda



Fonte: Dados levantados em pesquisa de campo, entrevista realizada em Abril de 2018

Segundo Canever e Col.(2013) a relação entre professores e alunos e, conseqüentemente o clima emocional encontrado nas salas de aula estão cada vez mais precários, por inúmeros motivos. Esses problemas decorrentes das pressões sofridas pelos docentes oriundas de dentro ou fora da escola, acabam por causar um descontrole emocional.

MARCHESI (2008, p.62) apud CANEVER (2013) destaca que

[...] a violência da sociedade, a marginalização de determinados coletivos de pessoas, as desigualdades sociais e a falta de recursos familiares e pessoais também contribuem para que as relações dentro da escola sejam potencialmente mais conflituosas.

Não podemos deixar de destacar a falta de infra estrutura das escolas, as salas superlotadas e a ausência de equipamentos para se dá uma boa aula. Todos estes fatores mencionados contribuem para o desgaste do professor que tem que se desdobrar para conseguir materiais que deveriam ser encontrados nas escolas.

Com o propósito de saber se os professores buscaram algum tratamento, perguntamos se **eles fizeram o tratamento da doença?** Dos entrevistados 66,66% disseram que nunca e 33,33% disseram sim, sendo que P1 justificou que “ainda não mais estou tentando” e P4 disse que “sim está fazendo”.

Os baixos salários dos professores e a falta de planos de saúde para o atendimento dos trabalhadores os colocam a mercê do Sistema Único de Saúde (SUS), este não oferece especialistas suficientes para atender toda a população em tempo hábil, todas estas dificuldades acabam forçando os professores a não procurarem tratamento para os problemas de saúde enfrentados.

Leão (2012, p. 303) enfatiza a necessidade de

reconhecimento pelo poder público das doenças afetas à profissão, no sentido de tratar os profissionais adoecidos com urgência e dignidade, o que quer dizer, detectadas as doenças profissionais, é preciso descobrir suas origens, eliminar os agentes causadores e tratar continuamente os acometidos.

Ainda para sabermos sobre o tempo de afastamento, perguntamos aos mesmos **quanto tempo você se afastou da sua função para tratamento?** Dos entrevistados 83,33% disseram nunca ter se afastado e P4 disse que se afastou “há um ano e meio”.

Os dados sobre os afastamentos não podem expressar os problemas de saúde vividos pelos professores, tampouco é possível estabelecer associações diretas desses problemas com o trabalho por eles desenvolvidos. Contudo, tais fatores são indicadores que nos permitem elaborar hipóteses articuladas aos dados da literatura citados ao longo desta pesquisa, que visem identificar as associações do adoecimento com as características das escolas e as condições de trabalho vividas em suas dependências.

Com o objetivo de saber se mesmo com todas essas dificuldades no desempenho de suas atividades se **os entrevistados gostam de ser professor**, todos disseram gostar da profissão. Então perguntamos se os mesmos **já pensaram em mudar de profissão? E por que não mudou?** Todos afirmaram que nunca pensaram em mudar de profissão e P1 ainda enfatizou que “porque amo minha profissão era um sonho de infância”. Perguntamos também se os mesmos **trabalham em mais de um cargo**, 66,66% dos entrevistados responderam que não, os demais responderam que: P2 e P5 disseram já trabalhado em outro cargo, mas que no momento só atua em um cargo.

Perguntamos aos entrevistados **O que os motivam na sua profissão?** Os mesmos responderam que:

- P1- o sonho de infância realizado a cada ano uma nova turminha a paixão e o prazer.
- P2- o prazer de ensinar
- P3- ensinar e ver resultados.
- P4- o carinho e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.
- P5- o desenvolvimento e aprendizado dos alunos isso é muito gratificante.
- P6- o amor e o carinho dos alunos.

Apesar da dificuldades encontradas na profissão e muitas vezes resultam no adoecimento do professor ainda encontramos na classe a motivação para uma das profissões mais importantes em qualquer sociedade é a de professor, que traz o desafio – e o prazer - de ensinar e transformar vidas.

Para finalizar perguntamos aos professores, **o que você acha que poderia melhorar para que o professor pudesse ter uma vida profissional mais satisfatória?** Os entrevistados responderam que:

- P1- valorização do professor, teria mais saúde, disposição, e satisfação.
- P2- melhor pagamento.
- P3- acho que deve começar pelo salário, ser valorizado.
- P4- acréscimo do salário
- P5- um salário mais digno.
- P6- ser valorizado a profissão do professor.

O reconhecimento profissional e a valorização salarial dos trabalhadores da educação é uma bandeira de luta que vem sendo traçada há muitos anos.

Em 16 de julho de 2008 foi sancionada a Lei nº 11.738, que instituiu o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica, e em 27/02/2013, o Supremo Tribunal Federal reconheceu a sua constitucionalidade, isto é, obrigou a todos os entes federativos ao cumprimento da Lei. Amparado pelo art. 206, incisos V e VIII da Constituição Federal (CF-1988) e a meta 18 do PNE que obriga que a União, os estados, municípios e Distrito Federal garantam planos de carreira e remuneração para os profissionais da educação escolar básica pública, denominação definida no artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).

Sobre o mal-estar docente, Zaragoza (1999) definiu como

a sensação de mal-estar difuso e elaborou um modelo para explicar as relações funcionais existentes entre os múltiplos fatores indicadores do sintoma. Esse modelo considera que uma determinada combinação de fatores pode conduzir os professores a um estado de ansiedade, denominado esgotamento docente, que afeta sua personalidade. São mencionados os professores que souberam elaborar respostas efetivas e integradas ante o aumento de exigências e a enorme transformação a que se viu submetida a profissão docente. Às situações problemáticas que solicitam uma resposta do

professor para reduzir o peso dos estímulos ameaçadores, chama de “tensão” e “estresse”.

Portanto como observamos no decorrer dos estudos e da pesquisa, existe a necessidade de os governos estarem atentos ao adoecimento do professor, que muitas vezes por fatores diversos não se afastam das suas atividades laborais, permanecem trabalhando de forma insatisfatória, embora os dados acerca de afastamentos por licenças médicas não indiquem a real dimensão do problema de saúde dos educadores entrevistados, os indicadores podem ser tomados como pistas sobre situações que merecem maior aprofundamento e análise do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tive dias difíceis na construção dessa pesquisa mas com essa turminha que Deus colocou em meu caminho foi possível a realização dessa pesquisa.

Foram varias as dificuldades enfrentadas para concluir essa pesquisa, encontrei resistência por parte do sujeito, acredito que por falta de tempo, já que muitos alegavam esse ponto, falta de interesse em responder a entrevista e também medo de relatar os problemas oriundos da atividade laboral desenvolvida. Neste sentido, analisando a situação dos sujeitos em atuação, senti falta de veracidade nas respostas apresentadas, pois deparei-me com profissionais com mais de 20 anos de profissão, com obesidade aparente, agitados, falando alto e alguns com dificuldade de locomoção, e mesmo com todas estas características aparentes os mesmos relataram nas entrevistas não possuir nenhuma doença provenientes do trabalho desempenhado. Também me surpreendi com o descaso dos meus futuros colegas da escola investigada, com mais de 20 profissionais atuantes apenas 6 se prontificaram em participar da pesquisa e responder a entrevista, sendo que muitas das respostas foram evasivas.

A pesquisa não me trouxe a satisfação esperada, os objetivos não alcançados em sua totalidade, sendo mapeadas dentre os entrevistados a doenças como tendinite, bursite, tendocinovite, artrose e problemas na visão e na audição. Não foi possível identificar os fatores que contribuem para o aumento do afastamento dos professores, e nem verificar a variação dos números de afastamentos por doenças durante o ano e comparar o aumento do número de afastamentos decorrente do número de cargos que os professores desempenham.

Acredito que essa pesquisa trouxe muita contribuição para nossa educação, pois se os nossos governantes não melhorarem a carreira dos nossos professores nunca teremos uma educação de qualidade em nosso país, enquanto nossos professores se calarem diante das dificuldades em sala de aula não será possível mudar essa triste situação que é adoecimento da classe dos professores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. N. *et al.* **Saúde na escola: o cuidado com professores.** Rev. Ciênc. Ext. v.10, n.1, p. 98-107,

ANDRADE, P; CARDOSO,T. **Prazer e dor na docência: Revisão bibliográfica sobre a síndrome de Burnout,** Rev. Saúde Soc. São Paulo, v.21, n.1, p.129-140, 2012.

BATISTA,J; et al. **Depressão como causa de afastamento do trabalho: um estudo com professores do ensino fundamental,** Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 44, n. 2, pp. 257-262, abr./jun. 2013

BISSERA, M; et al. **Voz e trabalho: estudo dos condicionantes das mudanças a partir do discurso de docentes.** Rev.Saúde Soc. São Paulo, v.23, n.3, p.966-978, 2014.

BOARINI,M. **Indisciplina escolar: uma construção coletiva.**Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 1, Janeiro/Junho de 2013: 123-131.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Brasília, DF: Senado, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008 - Planalto.** Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111738.htm. Acesso em abril de 2018.

CANEVER, C; et al. **Entendendo os níveis de inteligência emocional dos professores utilizando o instrumento de Herrera (2006),**

FERREIRA, J; et al. **Sistema osteomusculares em professores: uma revisão de literatura,**InterScientia, João Pessoa, v.3, n.1, p.147-162, jan./jun. 2015

FERREIRA, L; et al. **Voz do professor: Fatores predisponentes para o bem estar vocal.**Distúrb Comun, São Paulo, 24(3): 379-387, dezembro, 2012

FRANKFURT, Sandra Herszkowicz **A formação de professores a partir da Lei 5692/71 – ecos da crítica acadêmica.** Disponível em www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/998.doc Acesso em março 2018.

LAZARI ,E; CADINHOTO, E; **O estresse em sala de aula,**Revista FAROL – Rolim de Moura – RO, v. 2, n. 2, p. 98-112, dez./2016.

LEÃO, R. F. **Entrevista: a saúde do profissional e as condições de trabalho.** Retratos da Escola, Brasília, DF, v. 6, n. 11, p. 301-313, jul./dez. 2012.

LIMA, J; et al.**Sintomas vocais, grau de quantidade de fala e de volume de voz de professores**Distúrbios Comun. São Paulo, 27(1): 129-137, março, 2015.

LUCA,G; STANÇA, F. **Violência no ambiente educacional e o papel pacificador do direito**, R. Espaço Acadêmico n 173 outubro de 2015.

MAXIMIANO, A. **A motivação dos professores**, Rev. Nova escola londrina Paraná.2014

MELO, W; et al. **Síndrome de Burnot em professores**, R.REBES- ISSN 2358-2391 - (*Pombal – PB, Brasil*), v. 5, n. 4, p. 01-06, Out-Dez, 2015.

MENDES, T; **A escola brasileira como vítima nas agressões a professores**, Rev. Textura, Canoas, n 31, p. 156 a 179, maio/agosto 2014.

PEREIRA, A; BLUM, V; **Poder resistência e indisciplina escolar: a perspectiva docente sobre os comportamentos transgressores dos alunos**.R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 23, n. 54, p. 739-757, set./dez. 2014

REIS, B; **Trabalho docente e qualidade de vida**,Revista Encontro de Pesquisa em Educação Uberaba, v. 1, n.1, p. 37-48, 2013.

ROSA, M: **Violência no ambiente escolar: Refletindo sobre as consequências para o processo de ensino aprendizagem**, Revista Fórum Identidades, Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8 | jul-dez de 2010.

SANTOS, A. **Uma reflexão sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor**.Sapere AudeBelo Horizonte, v.6 - n.11, p.349-358 – 2º sem. 2015. ISSN: 2177-6342

SCANDOLARA, T; et al. **Avaliação dos níveis de estresse e depressão em professores da rede pública do município de Francisco Beltrão- PR**,Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR, Umuarama, v. 19, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2015.

SILVA, L; et al. **Risco ocupacionais e adoecimentos entre professores da rede municipal de ensino**,Journal Health NPEPS. 2016; 1(2):178-196.

SILVA,I; RIBEIRO,W: **O Sofrimento Psíquico e o Prazer no Trabalho de Professores do Ensino Fundamental**, Revista Formadores: Vivências e Estudos, Cachoeira-BA, v. 7 n. 3, p. 63-75, Nov. 2014.

SOUZA, K. **Violência em escolas públicas e a promoção da saúde: Relatos e diálogos com alunos e professores**.Rev Bras Promoção Saúde, Fortaleza, 25(1): 71-79, jan./mar., 2012.

VALE, P; AGUILLERA, F; **Estresse dos professores de ensino fundamental de escolas públicas**,Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador. 2016;5(1): 86-94 ·

ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente: O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. a sala de aula e a saúde dos professores. T a sala de aula e a saúde dos professores. radução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed., Bauru: Edusc, 1999.**

APÊNDICES



SOCIEDADE EDUCACIONAL VERDE NORTE S/C Ltda
FACULDADE VERDE NORTE - FAVENORTE
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Caro (a) professor (a)

Sou acadêmica do Curso de Pedagogia / FAVENORTE, tendo como orientadora a Prof^a. Ms. Leonice Vieira de Jesus Paixão. Estamos desenvolvendo uma pesquisa acadêmica que tem como propósito investigar o seguinte tema: Mal estar docente e as doenças ocupacionais em professores da Rede Municipal de Educação de Monte Azul. Nesta oportunidade, venho solicitar a V.S.^a contribuição, no sentido de responder algumas perguntas da pesquisa. Apresento neste momento um instrumento de coleta de dados que tem como objetivo geral analisar quais são as doenças mais frequentes que afastam os professores das salas de aulas na rede municipal de educação da cidade de Monte Azul. A sua colaboração é de muita importância, para essa pesquisa. Agradecemos sua participação e colaboração!

ORIENTADORA: Prof^a.Ms. Leonice Vieira de Jesus Paixão

ACADÊMICA: Junia Nuanny Silva Freitas

Roteiro de Entrevista

I- Perfil do participante:

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Há quanto tempo trabalha como professor?

() 0 à 5 anos

() 5 à 10 anos

() 10 à 20 anos

() Mais de 20 anos

Formação:

() Graduação em: _____

() Especialização em: _____

() Mestrado

() Outros

Questões temáticas

01- Você já esteve afastado(a) por alguma doença?

02- Qual tipo de doença que você foi diagnosticada?

03- A partir de quantos anos lecionando começou a apresentar os sintomas e quais são?

04- Qual motivo você acredita que te levou ao adoecimento?

05- O que mais te incomoda?

() o barulho () a indisciplina () falta de participação da família () falta de estrutura na escola () outros

06- Você faz o tratamento da doença?

07- Se você fez. Quanto tempo você se afastou da sua função para tratamento?

08- Você gosta de ser professor?

09- Já pensou em mudar de profissão? E por que não mudou?

10- Trabalha em mais de um cargo?

11: O que te motiva na sua profissão?

12: O que você acha que poderia melhorar para que o professor pudesse ter uma vida profissional mais satisfatória?

Obrigado por sua participação!